



O TRABALHO COLABORATIVO E O PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

SANTOS, Fabiane da Porciúncula dos¹; KLEIN, Madalena²

¹Estudante de Pós-graduação - Nível Especialização FAE/UFPEL - fabyporciuncula@yahoo.com.br

²Professora orientadora – FaE/UFPEL – kleinmada@hotmail.com

1- INTRODUÇÃO

Esse trabalho é um recorte da pesquisa realizada no curso de Especialização em Educação – FaE/UFPEL. Aqui busco analisar de que forma o trabalho colaborativo pode influenciar no processo de inclusão de um aluno com necessidades educacionais especiais no sistema regular de ensino. A pesquisa foi realizada em uma escola que construiu em sua trajetória uma cultura colaborativa e que também busca a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. Mais especificamente, os objetivos desta pesquisa são: 1º) verificar se, assim como o trabalho colaborativo traz diversos benefícios para a escola e os alunos (DAMIANI, 2004), se trará também benefícios para o processo de inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais; 2º) verificar como esse ambiente, de colaboração, pode influenciar nos processos de ensino e de aprendizagem que ocorrem entre professor/professor, aluno/aluno e professor/aluno.

A base de grande parte dos estudos em Educação Inclusiva e do trabalho colaborativo estão amparadas nas idéias de Vygotski. O autor fornece um modelo teórico que embasa toda uma concepção de educação escolar inclusiva que se vincula com o desejo e o anseio de uma educação conjunta, considerando-a base para o desenvolvimento humano. O autor afirma que para internalizar o conhecimento é preciso que haja a interação, a colaboração, preferencialmente com crianças que tenham níveis cognitivos diferenciados, ou adultos, o que faz crer na importância da heterogeneidade no grupo. O trabalho colaborativo aqui é entendido como: “trocas de vivências, experiências e informações ocorridas em grupos heterogêneos, que oportunizam o amadurecimento coletivo” (D’AVILA, 2003).

Pesquisas nacionais e internacionais têm apontado o trabalho colaborativo como um facilitador no processo de ensino e aprendizagem. Geralmente as escolas colaborativas têm maior sucesso em relação à maneira como lidam com as dificuldades, são escolas com menor índice de evasão e repetência e os professores e funcionários parecem ser mais satisfeitos e comprometidos com o trabalho que realizam (DAMIANI, 2004; FULLAN, 2000).

Apesar das inúmeras investigações sobre a importância do trabalho colaborativo, a organização e administração das instituições de ensino têm sido predominantemente individualizadas, assim como o enfrentamento de problemas por parte de professores e alunos. O considerável grau de

diversidade encontrado em sala de aula tem deixado muitos professores esgotados profissionalmente. As antigas fórmulas de ação parecem não mais servir para enfrentar os problemas e promover a inclusão, por isso a importância de se estudar maneiras diferenciadas de trabalho que não só facilitem o processo de ensino e aprendizagem como também promovam a inclusão.

A Educação Inclusiva, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (2001), é definida como: a garantia de todos ao acesso escolar, a aceitação e o acolhimento das diferenças e o esforço coletivo na equiparação de oportunidades de desenvolvimento com qualidade. Assim, não basta que uma criança com necessidades educacionais especiais seja inserida em uma classe regular, é necessário que lhe dêem condições físicas, pedagógicas e médicas, se assim for necessário para sua permanência no espaço escolar regular. Diante disso, me proponho neste trabalho trazer alguns pontos de possíveis articulações entre o trabalho colaborativo e as políticas de educação inclusiva.

2- METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A pesquisa é um estudo de caso, de caráter qualitativo e foi realizada em uma escola Municipal de Ensino fundamental completo da cidade de Pelotas. A escolha dessa escola, especificamente, deveu-se ao fato de ser apontada por uma pesquisa de Damiani (2004) como tendo uma cultura colaborativa, construída ao longo de sua trajetória, e também por, no momento, realizarem a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais.

A coleta de dados foi iniciada, primeiramente, com a identificação dos alunos que possuíam tais necessidades na escola: em torno de 22 crianças que recebem atendimento na sala de recursos, nos turnos da manhã e tarde. Esse atendimento é feito em turno inverso ao atendimento escolar. Escolhi, no turno da tarde, uma criança que estivesse a mais tempo na escola recebendo o atendimento educacional especializado. Encontrei Antônio¹: ele tem 12 anos, está na escola desde 2001 e freqüenta a sala de recursos desde 2005, quando essa foi inaugurada; está cursando a 3ª série e, coincidentemente, nesta mesma sala de aula, há outro menino que também recebe atendimento especializado. É o Pedro, com 9 anos, ele freqüenta a escola desde 2004 e a sala de recursos desde 2006. Passei, então, a realizar observações em sala de aula, com anotações em diário de campo. Ao total foram 4 observações não-estruturadas em sala de aula. Realizei também entrevistas semi-estruturadas com a diretora, com a professora da sala de recursos, com a professora da classe regular e com a monitora da escola. As entrevistas foram gravadas e transcritas, a análise dos dados foi realizada por meio de análise de conteúdo, segundo Minayo (1993).

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola pesquisada é conhecida na cidade por ter um método diferenciado de trabalho, em que as professoras estão sempre buscando cursos de formação e, sempre que possível, divulgam seus projetos em eventos da cidade; fazem reuniões pedagógicas semanais para organizar o trabalho, discutir dificuldades encontradas na prática, trocar experiências e

¹ Os nomes dos alunos foram substituídos, para a preservação de seu anonimato.

fazer avaliações. Em relação a outras escolas municipais, esta tem um alto índice de aprovação escolar², os professores parecem engajados e comprometidos, confiantes e entusiasmados, gostam do que fazem e é possível que se sintam desta forma devido à colaboração existente na escola, segundo fala das próprias professoras e da funcionária. Elas afirmam que, se um precisa de ajuda, os outros se mobilizam para dar a assistência que o colega necessita.

Todas as entrevistadas descreveram o trabalho colaborativo como sendo trabalhoso e desgastante, mas, mesmo assim, o preferem por acreditar que o esforço é recompensado pelo prazer que vivenciam ao constatar que sua atuação está mais eficiente e apresenta muito mais qualidade.

Ao questionar as entrevistadas a respeito dos benefícios do trabalho colaborativo entre os professores para o processo de inclusão, todas enfaticamente responderam que sem esse trabalho conjunto não seria possível resolver todos os problemas. “Os professores não são obrigados a resolver sozinhos, isolados. Se assim fosse, certamente iam pirar. A gente precisa do grupo até pra dizer que não sabe o que fazer” (Diretora). A professora 2 relatou a importância de se manter informada, de estudar com o grupo, de fazer cursos, pois um professor desavisado pode tratar uma criança com transtorno bipolar – que tem oscilações de humor constantemente e freio inibitório muito limitado –, por exemplo, como uma criança mal educada ou com falta de limites.

Durante as observações, foram notórios os benefícios do trabalho colaborativo entre os alunos, principalmente para o processo de inclusão das crianças pesquisadas. A ajuda entre colegas com níveis cognitivos diferenciados fez com que Antônio, diagnosticado como tendo um déficit de atenção, em uma das observações, conseguisse realizar alguns problemas matemáticos, ele fez questão de aprender, perguntou como resolver várias vezes para professora que lhe deu diversas explicações. Não entendendo, recorreu a sua colega do lado, que lhe ensinou a resolver o problema; então ele fez exclamações de que naquele momento passara a entender o que antes não entendia. Os dados mostram que, a explicação da professora não foi suficiente para haver uma aprendizagem, sendo necessária a intervenção de uma colega, para que Antônio sanasse suas dúvidas.

Na terceira observação, pude analisar outro momento de ajuda entre pares: foi entre Pedro (a avaliação pedagógica diz que ele possui transtornos emocionais que influem em sua conduta e aprendizagem) e um colega que senta a sua frente. Eles estavam lendo, juntos, um livro de literatura infantil: soletravam, liam baixinho, faziam caras de espanto e excitação. Ao terminar, Pedro exclama: - Que legal se isso existisse de verdade! O outro menino confirma, trocam de livro e continuam lendo juntos. Esse momento foi interessante, pois os dois meninos, mesmo soletrando e se ajudando a decodificar os símbolos gráficos, conseguiram dar um sentido e um significado ao que liam, entraram no mundo da imaginação e pensaram no quanto seria legal se a ficção se tornasse realidade. A integração entre eles era visível.

Foi possível observar também a impaciência de algumas crianças com a desatenção de Pedro e as muitas perguntas de Antônio. Em uma ocasião a professora direciona uma pergunta a Pedro que não responde, pois no

² Segundo dados da Secretaria Municipal de Educação, que não foram divulgados, mas encontram-se disponíveis na própria secretaria.

momento estava pensativo olhando em direção a janela, os colegas chamam a sua atenção e pedem que preste atenção. Em outro momento algumas crianças fazem caras de “como ainda não entendeu!” Enquanto Antônio perguntava insistentemente.

Os dados indicam que mesmo com a impaciência de alguns, o trabalho colaborativo entre alunos com níveis cognitivos diversificados é um meio de promover a inclusão não só social, mas que poderá provocar uma aprendizagem mais significativa. Indica, também, que o trabalho colaborativo entre os professores, é um excelente meio de ajudar o educador, a talvez lidar melhor com as diferenças, já que estará trocando saberes com seus colegas de trabalho.

4- CONCLUSÕES

De acordo com esta pesquisa, o trabalho colaborativo entre os professores da escola pesquisada, tem sido um excelente meio de promover a inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais, pois dessa forma, os professores trocam saberes com seus colegas de trabalho, fazem cursos, discutem com a Secretaria o número de alunos por sala e a ajuda de um monitor na sala que tiver alunos com necessidades educacionais especiais, enfim, buscam de forma colaborativa uma educação de qualidade para os seus educandos. Assim o trabalho colaborativo entre os alunos também tem sido um excelente meio de promover a inclusão das crianças com necessidades educacionais especiais, já que as crianças estão trocando saberes com colegas considerados intelectualmente acima delas.

Com tudo que foi analisado neste trabalho, sobre a inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais, o que ficou mais marcado é que não importa se a criança tem uma das síndromes, uma paralisia cerebral, esquizofrenia ou é dita normal, ela é uma criança e como tal necessita de atendimento educacional, social e cuidados específicos. Claro que umas mais que outras, devido às suas especificidades, mas o fato é que merecem a companhia de seus colegas, considerados intelectualmente acima delas, pois isso fará com que seu desenvolvimento seja mais efetivo, do que se fossem privadas de tal parceria.

5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Secretaria de Educação Especial – MEC: SEESP, 2001. 79p.

DAMIANI, Magda Floriana. **Sem as reuniões a escola não existe! Não tem como!: estudo de caso de uma escola colaborativa**. Anais da 27ª. Reunião Anual da ANPEd. Caxambu, Petrópolis (RJ): Vozes, 2004. v. 1, p. 1-17. CD Room.

D'AVILA, Cristina Maria. Pedagogia cooperativa e educação à distância: uma aliança possível. **Revista FAEEBA-Educação e contemporaneidade**, Salvador, v.12, nº 20, p. 273-285, jul./dez., 2003.

FULLAN, M., HARGREAVES, A. **A Escola como Organização Aprendente: buscando uma educação de qualidade**. (2ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2.ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993. 269p.

VYGOTSKI, Lev. Semionovich. **A Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo. Martins Fontes, 1998.